



Estudos de Psicologia

ISSN: 0103-166X

estudosdepsicologia@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Gabbi Polli, Rodrigo; Arpini, Dorian Mônica
O olhar de meninos de grupos populares sobre a família
Estudos de Psicologia, vol. 29, núm. 4, outubro-diciembre, 2012, pp. 531-540
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335547008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O olhar de meninos de grupos populares sobre a família

The perspective of boys from popular groups about the family

Rodrigo Gabbi **POLLI**¹

Dorian Mônica **ARPINI**¹

Resumo

O presente estudo objetivou investigar a forma como meninos pertencentes a grupos populares representam suas famílias. Com esse intuito, realizou-se um estudo qualitativo com a aplicação da técnica do desenho-estória. Participaram do estudo seis meninos, com idade entre oito e doze anos incompletos. A avaliação dos dados coletados deu-se por meio de análise de conteúdo. Os resultados mostram que os meninos têm uma percepção interna de família idealizada, que não corresponde à família real. A figura da mãe recebeu um investimento maior quando comparada com os demais membros da família. Por outro lado, o pai não recebeu igual destaque, figurando da mesma forma que outros integrantes do grupo familiar, apontando uma posição fragilizada da figura paterna. Também se fizeram presentes alguns membros da família extensa, indicando a importância destes na organização e no funcionamento das famílias de grupos populares.

Unitermos: Crianças. Família. Desenhos de figuras humanas.

Abstract

The aim of the present study was to investigate the ways boys from popular groups represent their families. For this purpose, a qualitative study was conducted, using the drawing-story technique. Six boys aged from eight to twelve incomplete years participated in the study. Data was assessed through content analysis. Results showed that boys have an internal perception of an idealized family that does not correspond to the real one. The figure of the mother received a greater investment when compared to the other members of the family. On the other hand, the father was not emphasized, and was approached in the same way as the other family members, pointing out his fragile position. Some members of the extended family were also present, indicating the importance of these people regarding the organization and functioning of families of popular groups.

Uniterms: Children. Family. Human figures drawing.

A ideia de família, como sendo aquela nuclear constituída de pai, mãe e filhos, não é mais suficiente para abarcar toda uma nova gama de organizações que têm surgido nos últimos anos. Famílias reconstituídas,

adotivas, monoparentais, homoafetivas, dentre diversas outras, evidenciam que a instituição família vem sofrendo transformações tanto na sua estrutura quanto nos papéis e funções desempenhadas por cada um de seus

▼▼▼▼▼

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. R. Floriano Peixoto, 1750, 3º andar, Centro, 97015-372, Santa Maria, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R.G. POLLI. E-mail: <ropolli@mail.ufsm.br>.

componentes (Grzybowski, 2002; Oliveira, Siqueira, Dell'Aglio & Lopes, 2008; Romanelli, 2002; Roudinesco, 2003; Wagner & Levandowski, 2008). Nesse sentido, o presente estudo objetivou investigar a forma como meninos pertencentes a grupos populares representam suas famílias.

As famílias brasileiras pobres de periferia urbana

Ao abordar a temática das famílias brasileiras pobres, deve-se levar em consideração dois aspectos: o primeiro diz respeito à variedade de arranjos e organizações familiares possíveis de serem encontradas nesse contexto; e o segundo, à diversidade étnico-cultural presente no Brasil, dando origem a essa variedade (Neder, 1994). O “modelo padrão” que hoje se tem de família é aquele nuclear, patriarcal, trazido da Europa, no qual a esposa e os filhos são submissos ao pai. Esse modelo de família, tido erroneamente como o “regular” e o “saúdavel”, é colocado como ideal em contraposição às famílias pobres de periferia urbana, as quais ocupam um lugar de “irregularidade” e “deseestruturação” no imaginário social (Neder, 1994). Contudo, cabe destacar que, embora a autora aponte essa forma de o social perceber as famílias de grupos populares, tais problemáticas também se encontram presentes em outros grupos sociais (Wagner, Predebon & Falcke, 2005).

Não se pode esquecer que não existe *a priori* a família regular (Grisard Filho, 2003; Neder, 1994; Roudinesco, 2003). Todas as formas que a família hoje encontra para se estruturar e se organizar foram e são construções sociais produzidas pelo homem, fruto cada uma de um determinado contexto. Ao se estipular uma como a “melhor” ou a mais “correta”, está-se destinando todas as demais à margem, numa área designada ao sofrimento social, uma vez que não são reconhecidas nem respeitadas nas suas diferenças.

No caso das famílias brasileiras pobres de periferia urbana, a alteração das relações e dos vínculos entre seus membros, principiada ou agravada pela situação de miséria e desamparo a que elas estão submetidas, tem propiciado a diversificação do modelo nuclear burguês (Peres, 2001). Indo ao encontro das ideias trazidas por Peres (2001), Monteiro e Cardoso (2001) assinalam o desemprego, a baixa remuneração e a falta de expectativa de vida como desencadeantes ou agravantes

da chamada “deseestruturação familiar” encontrada com maior frequência em famílias pobres.

Peres (2001) aponta ser cada vez mais frequente encontrar nesse grupo social famílias monoparentais (normalmente chefiadas pela mãe), reconstituídas e formadas por uniões consensuais. Conforme a autora, as mulheres que assumem o papel de autoridade em famílias monoparentais acabam se responsabilizando por toda a estruturação do cotidiano familiar. Tal papel, fundamental para a manutenção da família, inclui desde o cuidar dos filhos e da casa até a provisão financeira - tarefa que muitas vezes é dividida com os filhos, que saem às ruas para trabalhar (Goldani, 1994; Grzybowski, 2002; Palma, 2001).

Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003), ao desenvolverem uma pesquisa com 50 crianças e 50 pais/responsáveis pertencentes a famílias de camadas populares da cidade de Recife, identificaram predomínio da família nuclear (32,7%), seguido pela família extensa (24,5%), recasada (16,3%), monoparental (14,3%), adotiva (8,2%) e abrangente (4,1%). Dentro do grupo estudado, as autoras perceberam que na maioria das famílias nas quais o lugar da figura central é ocupado por mulheres - mães, avós, tias - (60,0%) e as figuras masculinas encontram-se fragilizadas (70,0%). Isso se manifesta no desemprego, prisão, uso de drogas e/ou pelo pouco ou nenhum relacionamento dessas figuras com a família, o que resulta no estabelecimento de vínculos frágeis, fracos ou inexistentes (Amazonas et al., 2003).

Além disso, em 50% da amostra investigada observou-se uma flutuação na execução dos papéis familiares, isto é, pai e mãe, assim como outros parentes, acabam exercendo tanto a função de provedor como a de cuidador dos filhos, não havendo, portanto, uma divisão clara de papéis no núcleo familiar (Amazonas et al., 2003). No mesmo estudo, as autoras verificaram a presença de conflitos intrafamiliares, como agressividade e uso de álcool ou outro tipo de droga por algum membro da família (90%), bem como a solidariedade de membros da família e da comunidade, com tios, avós e vizinhos ajudando o grupo familiar (50%).

Em relação a esse aspecto, as famílias nucleares têm sido substituídas por famílias extensas nos grupos populares, uma vez que a união e a solidariedade entre seus membros acabam constituindo fatores primordiais para sua sobrevivência num contexto de miséria e abandono social (Silveira, 2002). Nesse sentido, os avós

acabam se inserindo no grupo familiar como apoio na criação das crianças. Num estudo realizado com famílias da cidade de Goiânia, Cupolillo, Costa e Paula (2001) identificaram que a maioria dos avós, com maior ou menor frequência, cuidam, criam e educam seus netos, muitas vezes exercendo funções anteriormente atribuídas à figura da mãe, tais como proteger, alimentar, ensinar e brincar. Os mesmos achados foram encontrados por Oliveira, Rabuske e Arpini (2007) em estudo realizado com mães usuárias de um serviço público de saúde.

Uma pesquisa realizada por Monteiro e Cardoso (2001) com pais e mães de famílias goianienses aponta que, em relação à tarefa de educação e cuidado dos filhos em casa, o(a) parceiro(a) da mãe ou do pai - seja ele(a) marido/esposa ou companheiro(a) - é citado(a) em primeiro lugar como quem mais ajuda na criação diária dos filhos. Em seguida, aparecem em segundo lugar os avós e os tios das crianças, e, em terceiro, os irmãos mais velhos ou "ninguém".

O olhar da criança sobre a família

Numa pesquisa realizada com meninos institucionalizados com idade entre 7 e 16 anos, na qual foi-lhes solicitado que desenhassem uma família com o intuito de apreender a concepção que têm de família, Silveira (2002) pôde perceber, nas representações, o predomínio da família nuclear (76%), composta por pai, mãe e um ou dois filhos. Aqui se faz importante salientar que 53% das famílias dos participantes eram monoparentais maternas, 20% monoparentais paternas, 13% nucleares e 13% dos meninos eram órfãos de pai e mãe. A não correspondência entre os desenhos produzidos e a realidade familiar desses meninos é apontada pela autora como uma idealização do contexto familiar e/ou a expressão do desejo de fazer parte de uma família estruturada nos padrões tradicionais, assinalando a concepção que eles têm de família como um grupo unido, intacto, funcional e nuclear.

Além da estruturação familiar, outros dois fatores apareceram antagonizando com a realidade dos participantes (Silveira, 2002). O primeiro é a presença de no máximo dois filhos em cada família, embora no contexto de pobreza o número de filhos comumente seja elevado, constituindo grupos familiares bastante numerosos. O segundo é a baixa incidência de compartimentalizações

nos desenhos (16,7%), apesar da alta ocorrência de fragmentação no contexto familiar desses sujeitos. Pode-se inferir, a partir dos dados levantados pela pesquisa, que a representação interna que os participantes têm de sua família e das relações nela estabelecidas não corresponde à situação real, uma vez que produzem uma imagem idealizadas da mesma (Silveira, 2002). Nesse grupo de crianças prevaleceu também a valorização da figura da mãe nos desenhos produzidos.

Seguindo a mesma temática, Amazonas et al. (2003) desenvolveram uma pesquisa com 50 crianças de 6 a 11 anos, pertencentes a famílias de camadas populares da cidade de Recife (PE), nas quais aplicaram o Desenho da Família com Estória. Indo ao encontro do que foi apontado por Silveira (2002), as autoras identificaram a presença marcante da figura da mãe, desenhada em primeiro lugar ou consideravelmente maior que os demais membros da família representados no desenho, ou ainda ao lado da criança que estava sendo investigada. Por sua vez, nesse estudo, o pai normalmente era omitido do desenho ou, quando aparecia, estava envolvido nas histórias narradas em situações de prisão, drogas e desemprego, denunciando uma posição fragilizada ocupada pela figura paterna na representação dessas crianças. De maneira geral, o ideal de família predominantemente representado pelos sujeitos investigados foi o tradicional.

Também refletindo sobre o significado de família para crianças, Moreira, Rabinovich e Silva (2009) realizaram uma pesquisa com 60 crianças baianas, com idade entre 6 e 12 anos. Os resultados do estudo apontaram que, para a maioria dos entrevistados, a representação de família é a expandida, com a incorporação de outros parentes além da configuração nuclear. Os participantes atribuíram à família, principalmente, a função de cuidar (ajudar um ao outro, colaborar, educar, criar) e o papel emocional como lugar de trocas afetivas, amor, carinho (e não de maus tratos), caracterizando-a como grupo de pessoas que convivem juntas/unidas.

Método

Amostra e população-alvo

Para a realização deste estudo investigou-se a representação familiar de seis meninos com idade entre

oito e dozes anos incompletos, integrantes de famílias populares que fazem parte do projeto socioeducativo de uma instituição não governamental que atende meninos em situação de risco e vulnerabilidade, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O número de participantes foi definido em função do critério de saturação. Conforme Fontanella, Ricas e Turato (2008), a amostragem por saturação é definida como a não inclusão de novos participantes na amostra da pesquisa a partir do momento que, na opinião do investigador, o material coletado começa a se repetir, isto é, os novos dados apreendidos não apresentam nenhum elemento novo significativo para a proposta do estudo. Nesse sentido, a saturação foi constatada após a sexta aplicação, quando os dados coletados mostraram-se repetitivos, sem acrescentar nenhum novo elemento significativo para o objetivo da pesquisa.

Desenho do estudo

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto e de compreender de forma mais ampla e profunda a questão da representação familiar, foi realizado um estudo qualitativo com a utilização da técnica do Desenho-Estória (D-E). Conforme Trinca e Tardivo (2002), o D-E é composta por desenhos livres seguidos de narrativas de histórias também de modo livre. Tal técnica, quando utilizada para fins de pesquisa, deve, segundo os autores, ser adequada ao tema que o estudo pretende investigar.

Para este estudo, foi solicitada uma sequência de três D-E relacionados com a temática da família. Os autores sugerem a realização de quatro desenhos pela criança no procedimento de D-E com o tema da família, a saber: 1) desenho de uma família qualquer, 2) de uma família que a criança gostaria de ter, 3) de uma família em que alguém não está bem e 4) da família da criança. No presente estudo, optou-se por trabalhar com os pontos 1, 2 e 4 entendendo-se que eles contemplam o objetivo proposto.

A aplicação da técnica iniciou-se com a criança fazendo o desenho de uma família qualquer. Em seguida, ela foi solicitada a escrever uma história sobre o desenho, sendo a mesma depois lida ao pesquisador. Caso a criança não soubesse escrever, o pesquisador escrevia a história a partir de sua narrativa, e depois a lia para ela, verificando se era aquilo que ela queria contar ou se

havia mais algo que gostaria de acrescentar. Durante o inquérito, o pesquisador fazia perguntas com o intuito de esclarecer pontos relacionados ao desenho e à história como, por exemplo, o que a criança havia desenhado. Por último, pediu-se a criança para dar um título à história, sendo esta e o desenho guardados. O procedimento foi repetido mais duas vezes, com a solicitação do desenho de uma família que a criança gostaria de ter e do desenho de sua família. Compuseram a pesquisa 16 D-E, sendo que um dos meninos realizou apenas um desenho e uma história (os da família qualquer), não querendo fazer os demais.

A avaliação dos dados foi feita através de análise de conteúdo (Bardin, 1977). Num primeiro momento, a sequência de D-E de cada menino foi analisada separadamente, sendo avaliado o que havia aparecido em cada D-E. Posteriormente, foi realizada uma análise de todos os meninos conjuntamente, sendo focalizado o que aparecia com maior intensidade e frequência, portanto, o que era comum e se repetia nos desenhos e nas histórias. Através da análise dos dados coletados pelo D-E foram estabelecidas as categorias a serem trabalhadas, a saber, a família real *versus* a família ideal, o lugar da mãe, o lugar do pai e a família extensa.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o registro 0046.0.243.000-09, tendo cumprido todos os requisitos exigidos à pesquisa com seres humanos.

A realidade dos meninos

Os meninos que integraram o estudo são crianças em situação de risco e vulnerabilidade, pertencentes a grupos familiares inseridos num contexto de pobreza, com renda familiar de até três salários-mínimos. Em alguma medida, eles vivenciavam carência não só econômica, mas também afetiva. Eram alunos de 2ª a 4ª série de escolas públicas da comunidade, apresentando baixo desempenho escolar, dificuldade na leitura e na escrita, além de alto índice de reprovação e repetência escolar. Com relação à estrutura familiar, três meninos moravam com a mãe, o pai e o(s) irmão(s); um morava com a mãe, o padrasto e os irmãos; outro com a mãe e os irmãos; e outro com a mãe e o padrasto. Independentemente da presença da figura do pai e dos irmãos, todos os meninos investigados residiam com a mãe.

Resultados e Discussão

“A minha casa é bem assim, ela é torta”: a família real X a família ideal

Quando solicitados para desenhar uma família qualquer e/ou uma família que gostariam de ter, parte dos meninos integrantes do estudo ilustrou representações de famílias nucleares compostas por pai, mãe e um ou dois filhos. Ao produzir desenhos de família diferentes de sua realidade familiar, a criança pode estar expressando seus desejos internos de fazer parte de uma família como aquela desenhada por ela, ou seja, integrar uma configurada nos moldes tradicionais. De modo geral, o ideal de família representado pelos meninos foi a família não fragmentada (denotando a concepção que essas crianças têm de família como um grupo unido no qual pai e mãe moram juntos), com baixo número de filhos (uma vez que a presença de poucos irmãos implicaria, no imaginário infantil, receber mais atenção e cuidado dos pais) e a posse de bens materiais (uma boa casa, carro, moto, cavalo). A família ideal pode ser vista na Figura 1.

Um estudo realizado por Silveira (2002) obteve resultado semelhante, observando-se predomínio na representação de famílias nucleares, unidas e com baixo número de filhos, enquanto a maioria dos investigados pertencia a famílias monoparentais, fragmentadas e com número elevado de filhos (comum no contexto de pobreza). A mesma realidade familiar é compartilhada pelos meninos que integraram o presente estudo. A

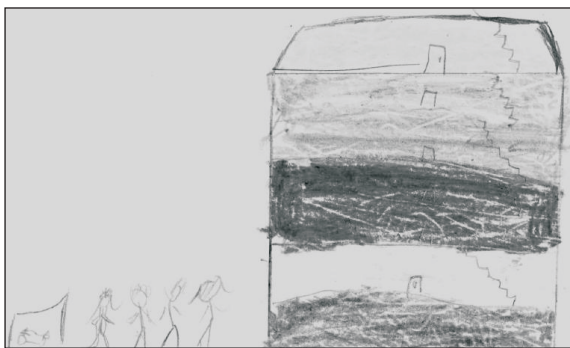


Figura 1. Criança 2, 8 anos. Desenhou uma família composta pela filha, o pai, o filho e a mãe.

idealização do contexto familiar e/ou o desejo de fazer parte de uma família estruturada nos padrões acima citados também foram identificadas nas histórias narradas pelas crianças, como mostrado nos trechos a seguir:

“A minha família é boa e tem tudo. Nós somos bem tratados, eu e os meus irmãos. Todos nós da nossa família somos bem legais e todos não brigamos e nós ficamos todos juntos. A mãe e o pai ficam com nós” (Criança 1, 10 anos).

“Um dia eles construíram uma casa muito grande, de sete andares, e eles se casaram depois. Aí nasceram um menino e uma menina. Depois cresceram. Depois eles compraram uma moto. E aí era entre quatro. Aí eles queriam dinheiro. Todos os andares eles só ficaram no segundo. E ele vendeu os seis pros outros e comprou uma moto” (Criança 2, 8 anos).

Através das histórias pôde-se perceber que a família ideal é aquela em que os pais gostam e tratam bem os filhos, todos estão juntos/unidos e são felizes, os membros ajudam-se e não brigam, e também possui dinheiro, casa boa e bonita e bens materiais. Indo ao encontro do que foi apontado por Peres (2001), na família ideal há amor, carinho, cuidado e afeto entre todos os integrantes.

Por outro lado, quando lhes foi pedido que desenhassem sua família, todos os meninos produziram ilustrações que esboçavam sua realidade familiar, não a negando nem fugindo dela. Dessa forma, no terceiro desenho, foram produzidas representações de famílias fragmentadas, extensas, com número maior de filhos e vivendo em condições precárias de moradia. A família real é retratada na Figura 2.

Ao terminar o desenho acima, a Criança 2, 8 anos, falou: *“A minha casa é bem assim, ela é torta”*. Em outro momento, após contar uma história na qual retratava o ideal desejado de família, a mesma criança disse: *“Bem que eu gostaria. Meu pai chama a minha mãe de vagabunda. Eles não se gostam. Meu pai mora na casa da frente”*. As falas e os desenhos de casas tortas e não coloridas (não investidas, quando comparadas com os outros dois desenhos produzidos pelas mesmas crianças) mostram a família como lugar muitas vezes de tristeza, sofrimento e problemas - como brigas, desunião, falta de dinheiro e de carinho (Peres, 2001).



Figura 2. Criança 2, 8 anos. Desenhou a sua família, composta pela mãe, ela, o irmão e a irmã.



Figura 3. Criança 3, 9 anos. Desenhou a sua família, composta pela mãe, o irmão, outro irmão, ela, a irmã, o irmão e o padrasto.

“Essa eu vou desenhar bem bonita”: o lugar da mãe no contexto familiar

A frase “Essa eu vou desenhar bem bonita”, dita pela Criança 4, de 9 anos, logo antes de desenhar a mãe, resume a forma como esta é percebida pelos seis meninos que compuseram esta pesquisa. Independentemente de o desenho representar uma família qualquer, a que gostaria de ter, ou a sua própria família, a figura da mãe apareceu, em 15 dos 16 desenhos-estórias, representada significativamente diferente dos demais membros da família. A valorização da figura materna pode ser observada em sua representação mais detalhada que os demais integrantes do grupo familiar, muitas vezes sendo a única com roupa e a única pintada, ou

ainda por ser a primeira a ser desenhada ou a mais alta. O desenho (Figura 3) mostra a mãe como a figura singular ou a mais investida na representação das crianças:

Esses resultados correspondem ao que foi apontado por outros estudos que também identificaram uma maior valorização da figura da mãe, tendo esta uma presença marcante nos desenhos produzidos (Amazonas et al., 2003; Silveira, 2002). Tal representação lançada no papel reflete a percepção interna que esses sujeitos têm da figura materna como a pessoa que “cuida de tudo” - além de criar e educar os filhos, é afetiva, cuida da casa, trabalha (Moreira et al., 2009; Rabinovich e Moreira, 2008). Essa forma de ver a mãe condiz com a realidade de muitas famílias, nas quais a mulher acaba se responsabilizando pela estruturação e manutenção do cotidiano familiar, assumindo, portanto, um papel de autoridade, cuidando dos filhos e da casa, bem como provendo o grupo familiar financeiramente (Goldani, 1994; Peres, 2001; Sarti, 1994, 2005).

O fato de a mãe ser a figura mais forte/importante para a criança dentre todas as outras que compõem a instituição família evidencia-se também através de outros achados levantados ao longo da realização deste estudo. Um deles é o fato de todos os seis meninos morarem com a mãe (três também moram com o pai, dois têm os pais separados e um tem o pai já falecido). Além disso, no momento em que se buscou contato com os responsáveis para convidá-los a participar da pesquisa, em todos os casos foi a mãe quem recebeu os pesquisadores e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assim como nos desenhos, nas estórias contadas pelas crianças (como mostrado nas estórias citadas na categoria anterior), à mãe também foi dado um destaque como a pessoa que cuida dos filhos, é afetiva/carinhosa e, por isso, deve ser cuidada e protegida. A estória a seguir evidencia o cuidado que os filhos devem dedicar à figura materna, devido ao papel fundamental que esta exerce em sua vida:

“Um dia subi lá em casa e aí tocaram um caqui na minha mãe. Aí eu dei no J e na C. E aí o meu irmão ficou brabo, porque mancharam a roupa da minha mãe e mancharam a parede e a minha irmã deu no J” (Criança 2, 8 anos).

Não precisa ser necessariamente a mãe biológica a pessoa que vai exercer a função materna - podendo exercê-la o pai, a avó ou qualquer outra pessoa que se identifique com a criança e providencie os cuidados de que ela necessita (Winnicott, 1958/2000; 2005). Contudo, a partir dos desenhos e das histórias contadas pelas crianças, pode-se concluir que, no caso desses meninos, ainda é a mãe o sujeito principal (ou único) a realizar tal função.

“Eu ia ficar feliz se o meu pai estivesse com nós”: o (não) lugar do pai no contexto familiar

Com relação ao pai, não houve uma valorização deste na maioria dos desenhos produzidos pelos meninos. O não investimento na figura paterna pôde ser inferido uma vez que este, quando presente, foi desenhado igual aos demais membros da estrutura familiar, não sendo possível diferenciá-lo de tios, avós e irmãos. Em um dos casos, o pai foi esquecido na hora em que o menino desenhava a família, sendo acrescentado apenas durante o inquérito. A frágil presença do pai no contexto familiar pode ser observada na Figura 4.

A presença “apagada” ou “turva” da figura paterna também foi percebida no estudo desenvolvido por Amazonas et al. (2003), no qual as autoras identificaram que em 70% das famílias investigadas o pai encontrava-se fragilizado devido ao desemprego, ao envolvimento com a polícia e/ou prisão, ao uso de drogas ou ao

pouco contato que mantém com a família, o que acarreta o estabelecimento de vínculos fracos ou inexistentes.

Os resultados do presente estudo - assim como os apontados na pesquisa de Amazonas et al. (2003) - confirmam uma alteração que vem ocorrendo no seio familiar desde o fim da monarquia, em meados do século XIX. As relações estabelecidas dentro da estrutura familiar deixam de ser hierárquicas, passando homem e mulher a ocupar um lugar de igualdade tanto no grupo familiar como no social, compartilhando as tarefas de prover financeiramente a família e de criar, educar e cuidar da prole (Romanelli, 2002; Roudinesco, 2003). Passa a ocorrer um aumento da autoridade materna e uma redução da paterna devido à ausência ou à fraca presença do pai no cotidiano familiar (Arpini, 2003; Romanelli, 2002; Roudinesco, 2003; Brito, 2007).

Embora com menor investimento, o pai ainda ocupa um lugar no cotidiano familiar, figurando em 14 dos 16 D-E (apenas um a menos que a figura da mãe). Embora apareça quantitativamente quase igual à mãe, qualitativamente o pai não foi destacado nos desenhos realizados pelos meninos. Mesmo assim, a figura paterna ainda apareceu com maior força em um dos desenhos e em algumas histórias. No caso deste único desenho, o pai surge como a figura central e maior, como um ideal de família nuclear, na qual ele exerce o papel de autoridade. Surge também nas histórias, como um desejo de que este estivesse junto da criança, presente no dia a dia familiar.

“A minha família ela é tão grande, mas eu queria que o meu pai. E eu ia ficar feliz se o meu pai estivesse com nós ...” (Criança 3, 9 anos).

“A minha família é legal e eu gosto deles. A minha mãe gosta de mim e meu pai gosta de mim ... E eu queria uma casa bonita e eu queria que o meu pai estivesse vivo ...” (Criança 5, 11 anos).

Através de algumas histórias (ver as citadas anteriormente) também se pôde perceber que para alguns meninos o pai ainda é visto e percebido como cuidador dos filhos - não o único, dividindo tais funções com a figura da mãe. Esse aspecto vai ao encontro do que foi observado em outros estudos envolvendo crianças e a representação que têm de família e de seus integrantes (Moreira et al., 2009; Rabinovich & Moreria, 2008).



Figura 4. Criança 1, 10 anos. Desenhou a sua família composta pela mãe, o pai, oito irmãos (representados em dois) e a irmã brincando.

“A minha família é juntada”: a estrutura familiar extensa

Outra categoria significativa dentro dos D-E realizados pelos meninos foi a presença de membros da família extensa. O desenho-estória considerado como representante de uma família ampliada aparece na representação de figuras familiares que extrapolam a família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos - isto é, quando nos D-E figuraram tios(as), avôs(ós) e/ou primos(as). Destaca-se que cinco dentre os 16 D-E produzidos pelos meninos retratam essa categoria, sendo representados pelo desenho da Figura 5.

A inclusão de membros da família extensa no grupo familiar mostra a importância que eles têm para as famílias de classes populares. Nos grupos populares, a ajuda prestada à família nuclear por tios e avós, seja financeiramente, seja auxiliando no cuidado com os filhos quando ambos os pais saem para trabalhar, acaba muitas vezes se configurando como um dos elementos fundamentais para as famílias sobreviverem num contexto de desamparo e abandono social (Amazonas et al., 2003; Cupolillo et al., 2001; Silveira, 2002). A solidariedade e a união entre os integrantes de uma mesma família também são apontadas pelo estudo desenvolvido por Monteiro e Cardoso (2001), no qual os avós e tios são citados em segundo lugar como as pessoas que mais ajudam o pai e a mãe na tarefa de educar, criar e cuidar dos filhos.

Ao integrar membros da família extensa à família nuclear tradicional, a criança os está considerando

como parte do grupo familiar e, portanto, atribuindo-lhes funções. Dessa forma, as crianças percebem os avós e tios também como sujeitos afetivos que cuidam e protegem. Isso concorda com o apontado por outros estudos que levantaram a percepção que crianças têm de seus avós (Moreira et al., 2009; Rabinovich & Moreira, 2008). A inclusão de integrantes da família ampliada também foi observada durante a narrativa das histórias contadas pelos meninos:

“Esta é a minha família. É a mãe e o pai e o irmão e o outro irmão. O terceiro é a minha vovó e a minha tia e o meu avô e o meu tio e os outros são os meus irmãos” (Criança 1, 10 anos).

“A minha família é juntada, mais umas tias, só elas que moram em Porto. Eu vou para Porto ver as minhas tias de novo e o meu pai vai ficar feliz de me ver” (Criança 3, 9 anos).

Considerações Finais

Através da aplicação da técnica do Desenho-Estória, pôde-se perceber que os meninos estudados têm uma percepção de família como um grupo de pessoas que vivem juntas, são afetivas e cuidam umas das outras - seja esse grupo configurado de maneira nuclear, ampliada ou reconstituída.

A partir dos D-E produzidos, pode-se pensar que, dada a oportunidade para essas crianças expressarem sua ideia de família, elas comumente o fazem de maneira idealizada (o que uma família deveria ser), como pode ser observado na quantidade de desenhos que retratam uma família que não corresponde a sua realidade. A manifestação de um contexto desejado pode também ter sido predominante pelo fato de que a ilustração de sua família poderia fazer a criança refletir sobre seu ambiente familiar. Isso, em alguma medida, poderia trazer-lhe angústia e sofrimento, já que a família real pode não corresponder àquela que ela gostaria que fosse.

Neste estudo, percebeu-se a produção de dois tipos de família, uma mais idealizada e uma mais real. Isso aponta a capacidade que esses meninos têm para apreender a sua realidade familiar e encará-la, uma vez que todas as crianças a desenharam no terceiro D-E (o da sua família), não fugindo dela nem a negando. Embora não seja possível distinguir totalmente o material



Figura 5. Criança 3, 9 anos. Desenhou a sua família, composta pelo pai dos tios de Porto Alegre, a avó, a prima, o primo, o tio, outro tio, o primo, ela, a mãe, o irmão, o padrasto, o irmão, a irmã e o irmão.

produzido pelos meninos em duas categorias estanques - o que corresponde à realidade e o que corresponde ao mundo da fantasia, da idealização e do desejo -, pôde-se inferir a que grupo cada D-E pertencia, uma vez que a prevalência de elementos de uma categoria apontava para isso. Mesmo que em algumas das produções pudessem ser identificados elementos componentes tanto da família real quanto da família imaginária, o conjunto como um todo se aproximava mais de uma.

Contudo, ao longo da análise do material produzido pelos meninos, pôde-se identificar com maior precisão uma prevalência da figura materna em comparação aos demais membros da estrutura familiar. Através do que se pôde conhecer da realidade dos meninos ao longo da realização deste estudo, a presença forte da mãe nos D-E pode ser justificada pela maior participação dela em seu cotidiano: todos moram com a mãe, elas estavam em casa quando foi feita a visita dos pesquisadores, e elas são as responsáveis por eles perante a instituição onde a pesquisa foi desenvolvida. Com relação ao pai, este "não apareceu" durante o processo de estudo. Seja pela separação dos pais, morte ou afastamento devido ao trabalho, os pesquisadores não entraram em contato com eles; muitas vezes ficaram sabendo de sua "existência" - e se moravam com a criança ou não - apenas durante a realização do D-E. A figura da mãe se fez mais presente para o pesquisador e, consequentemente, deve se fazer mais forte para as crianças que integraram o estudo.

Por outro lado, não se pode afirmar precisamente o quanto as funções atribuídas ao pai e à mãe pelas crianças (como cuidar dos filhos, da casa e sustentar financeiramente a família) correspondem à realidade, nem quanto essa representação é oriunda de uma concepção própria da criança de como uma mãe e um pai deveriam ser. Novamente, propõe-se aqui que tais representações sejam uma mistura de elementos de ambas as categorias, sendo difícil separá-las, uma vez que a pesquisa não buscou contato com o funcionamento e a organização real da família da criança. Nesse sentido, o estudo apresenta suas limitações, uma vez que não buscou se inserir no contexto familiar das crianças, mas tão somente conhecer suas representações a partir da técnica do D-E.

De um modo geral, pode-se pensar que para esses meninos uma família (incluindo os seus integrantes,

principalmente o pai e a mãe) deve, acima de tudo, cuidar dos filhos. Acredita-se que, como o cuidar se fez presente nos D-E, ele também possa estar presente no contexto familiar desses meninos, mesmo que tal cuidado possa não atender a todas suas demandas e não corresponder plenamente ao ideal imaginado por eles.

Também se observa a inclusão de membros da família extensa no material produzido pelas crianças, salientando a importância que eles podem ter para os meninos estudados e, consequentemente, para as suas famílias.

Assinala-se, por fim, o valor da realização de estudos com crianças a fim de conhecer como elas concebem certos fenômenos, aspectos e elementos que integram o mundo infantil e sobre os quais recai o interesse da Psicologia. Trata-se, assim, de disponibilizar a expressão a esse grupo ao qual, muitas vezes, o uso da palavra ou de outras formas de retratar suas vivências não chega nem a ser oportunizado.

Referências

- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8 (Esp.), 11-20. Recuperado em novembro 5, 2009, disponível em <<http://www.scielo.br/>>. doi: 10.1590/S1413-73722003000300003>.
- Arpini, D. M. (2003). *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. Bauru: EDUSC.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brito, L. M. T. (2007). Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.
- Cupolillo, M. V., Costa, A. O. B., & Paula, J. T. S. (2001). Os avós como suporte na criação dos netos. In S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coords.), *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (pp.117-135). Goiânia: Cànone Editorial.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24 (1), 17-27.
- Goldani, A. M. (1994). As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, 91, 7-22.
- Grisard Filho, W. (2003). Famílias reconstituídas: breve introdução ao estudo. In G. C. Groeninga & R. C. Pereira. *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia* (pp.255-268). Rio de Janeiro: Imago.
- Grzybowski, L. S. (2002). Famílias monoparentais: mulheres divorciadas chefes de família. In A. Wagner (Coord.),

- Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.39-53). Petrópolis: Vozes.
- Monteiro, L. P., & Cardoso, N. A. (2001). Família e criação dos filhos. In S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coords.), *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (pp.95-115). Goiânia: Cànone Editorial.
- Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2009). Olhares de crianças baianas sobre família. *Paidéia*, 19 (42), 77-85.
- Neder, G. (1994). Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In S. M. Kaloustian (Org.), *Família brasileira, a base de tudo* (pp.26-46). São Paulo: Cortez.
- Oliveira, D. S., Rabuske, M. M., & Arpini, D. M. (2007). Práticas de educação: relato de mães usuárias de um serviço público de saúde. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 351-361.
- Oliveira, D., Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D., & Lopes, R. C. S. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, 12 (1), 87-98.
- Palma, R. (2001). *Famílias monoparentais*. Rio de Janeiro: Forense.
- Peres, V. L. A. (2001). Concepção de família em população de periferia urbana. In S. M. G. Sousa (Org.), *Infância, adolescência e família* (pp.217-230). Goiânia: Cànone Editorial.
- Rabinovich, E. P., & Moreira, L. V. C. (2008). Significados de família para crianças paulistas. *Psicologia em Estudo*, 13 (3), 447-455. Recuperado em novembro 5, 2009, disponível em <<http://www.scielo.br>>. doi: 10.1590/S1413-73722008000300005.
- Romanelli, G. (2002). Autoridade e poder na família. In M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate* (pp.73-88). São Paulo: Cortez.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Sarti, C. (1994). A família como ordem moral. *Cadernos de Pesquisa*, 91, 46-53.
- Sarti, C. (2005). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres* (3ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Silveira, S. C. (2002). Família é para todos?: A perspectiva de meninos institucionalizados. In A. Wagner (Coord.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.54-74). Petrópolis: Vozes.
- Trinca, W., & Tardivo, L. (2002). Desenvolvimentos do processo de desenhos-estórias (D-E). In J. A. Cunha. *Psico-diagnóstico: V* (pp.428-438). Porto Alegre: Artmed.
- Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos & Contextos*, 7 (1), 88-97.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2005). Transgeracionalidade e educação: com se perpetua a família? In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares* (pp.93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Originalmente publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa* (4ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 16/7/2010
Versão final em: 27/1/2012
Aprovado em: 26/3/2012